

MEMORIAS DOCENTE: NAS ENTRELINHAS DO CURRÍCULO NO CURSO DE LETRAS

Sheila Rodrigues dos Santos¹

Orientadora: Profa. Dra. Áurea da Silva Pereira

Resumo: A pesquisa objetiva investigar as relações entre identidade e currículo no campo da formação de professores na UNEB/Campus II, a partir de suas práticas de leitura experienciadas nos espaços formais e não formais, a fim de analisar o quanto as práticas de leituras vividas implicam/implicaram na sua formação do professor-leitor. Partindo deste pressuposto articularemos o professor enquanto sujeito leitor e o seu modo de produção pedagógica no cotidiano escolar. Assim, este projeto propõe o estudo da constituição identitária desse sujeito-leitor, perpassando pelo viés do letramento a partir das suas memórias vividas no âmbito escolar. A proposta é conceber a leitura como um dispositivo operacionado pelo professor de um modo que venha mobiliza o currículo escolar ressignificando as diversas práticas de leituras que compõem esse cenário. Desse modo, este estudo nos leva a refletir sobre as práticas de leituras presente no currículo escolar, cujos estudos não partem mais da teoria social hegemônica e sim das diversas questões sociais que estão vigentes, tendo como noção básica as práticas de leituras articuladas com a prática social do professor-leitor.

Palavras – chave: Práticas de leituras. Narrativas. Formação de professores-leitores.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Vivemos em uma sociedade onde saber ler e escrever é considerado também um requisito de inclusão social, pois o fato de estarmos inseridos em um contexto social, na qual o letramento do sujeito não se limita apenas a simples decodificação de palavras ou interpretação dos símbolos gráficos, como queira. Ao ler é preciso que o leitor compare o que foi lido com sua bagagem de conhecimento mundano, ou seja, requer sua interpretação acerca do que está escrito nas linhas e nas entrelinhas para se inferir sentido.

Ler é considerar aquilo que envolve o mundo do leitor, ou seja, o contexto ligado à experiência de vida de cada ser, para que este possa relacionar seus saberes cotidiano com o conteúdo do texto e, dessa forma, construir o sentido. Uma concepção de leitura que rompe com a dicotomia da decodificação/codificação dos signos, pois ao considerar a leitura a partir das suas experiências e vivências, a leitura se tornar uma prática muito mais ampla e viva, na qual o pulsar das informações baterá no mesmo ritmo das emoções.

Assim, a leitura como bem sabemos é proveniente da experiência existencial, a mesma não apresenta a mesma dimensão existencial para os mesmos leitores, cada leitor experiência o que lê a partir de suas representações concretas e simbólicas. E essas experiências ganham sentidos quando o sujeito se transforma e aprende a partir das suas marcas sócios históricas. No entanto, esse

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Bolsista CAPES. E-mail: sheiladrigues@hotmail.com.

desvelamento do mundo da leitura me faz perceber o quanto essa “habilidade” é importante para qualquer universitário, mas se tratado de discentes do curso de Letras, a responsabilidade é bem maior, já que o sujeito/professor irá mediar o processo de letramento de seus alunos.

Com base nessa responsabilidade, (que soa mais como um peso), surgem algumas inquietações que me faz refletir como essas práticas de leituras vivenciadas pelos alunos egressos do curso da UNEB/Campus II influenciam na sua constituição identitária docente.

Para tanto, é necessário se pensar na formação de professores leitores, capazes de potencializar seus educandos tornando-os leitores, desconstruindo o processo de ensino-aprendizagem da linguagem, que se reproduz nas práticas pedagógicas mecanicistas-pragmáticas. Um verdadeiro mascaramento que massifica os sujeitos, tornando-os seres dóceis, submissos, indivíduo totalmente obediente, como nos faz lembrar Foucault com a domesticação dos sujeitos em sua obra *Vigiar e Punir* (1987). No entanto, com o advento da contemporaneidade exigem um leitor que saiba lidar com a leitura não somente como instrumento de informação, mas como um diferencial cultural para as atividades que venha a desempenhar.

QUESTÕES DE PESQUISA E SEUS FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A leitura é hoje uma ferramenta indispensável para a convivência na sociedade contemporânea, bem como para o delineamento de novas fronteiras do saber, já que toda e qualquer atividade humana está relacionada com o uso da língua através de enunciados, orais ou escritos, provindos de todo ser humano, independentemente de sua classe social, uma vez que o domínio da leitura e da escrita é fundamental para que o sujeito saiba atribuir significados a cada processo por qual vivenciou, ressaltando que este sujeito é um ser social que interfere no seu meio se posicionando criticamente.

E dentro desta perspectiva, compreendemos que o trabalho que o professor desenvolve com a leitura decorre de sua visão do mundo e do modo como põe os seus hábitos leitores a serviço das atividades que desenvolve. Sua atuação na docência em relação ao ensino da leitura e ao desenvolvimento da compreensão leitora é resultante dos seus conhecimentos específicos e pedagógicos. Assim, compreender o processo identitário de professores em formação através de suas histórias de vida, da visão particular de suas experiências, pode ser uma forma de visibilizar esses sujeitos, dando voz as singularidades presentes que habitam/habitavam no processo de formação.

Desse modo, o trabalho de leitura passa a ter caráter produtivo, transformador de sentidos e de sujeitos, isto é, um verdadeiro espaço de interação entre professor e aluno, educação e cultura, pedagogia e antropologia, currículo e o estudo do cotidiano, uma gama de multiplicidade que nos apresenta a contemporaneidade, dentro desta perspectiva questiona-se: Como as práticas de leituras realizadas pelo estudante/professores do curso de letras do Campus II no decorrer da sua formação contribuem para a construção da sua identidade docente? Qual o lugar que a leitura ocupa na formação do sujeito-professor?

No entanto, para iniciar a discussão referente a constituição identitária do docente de Letras a partir das relações que esses sujeitos foram estabelecendo com os livros ao longo de suas trajetórias de vida e de trabalho, faz-se necessário repensar as práticas por qual passaram em suas práticas escolares, pois o contexto atual, no qual a escola se encontra inserida, não há mais espaço para a prática horizontal da alfabetização, não se busca mais formar indivíduos que executem, obedeçam e concebam o que está escrito como verdade absoluta, inquestionável e, sim, que sejam capazes de construir e desconstruir os seus saberes, de uma forma que se reintegrem a uma sociedade reflexiva e complexa.

Sendo assim, me apropriarei de teóricos como: Kramer (2010), Soares (1995) Lopes (2006), Canen (2002), Corraza (2002), Silva (2011), dentre outros. Com base nesse referencial teórico, pretende-se refletir sobre as práticas tradicionais e atuais, no qual o letramento multicultural surge em cena ressignificando as práticas de leituras e escritas dos sujeitos, pois é sabido que as práticas de leitura e de escritas dependem de algo que está além da decifração, da decodificação, algo que se efetiva a partir de uma construção de sentidos.

Para o contexto contemporâneo o fato de saber ler e escrever é também considerado um requisito de inclusão social, pois o fato de estarmos inseridos em um contexto social, no qual o letramento do sujeito não se limita apenas a simples decodificação de palavras ou interpretação dos símbolos gráficos, como queira. Ao ler, é preciso que o leitor compare o que foi lido com sua bagagem de conhecimento mundano, ou seja, requer sua interpretação acerca do que está escrito nas linhas e nas entrelinhas inferindo sentido, dentro desta perspectiva os pesquisadores da temática consideram que são necessárias mais que habilidades para resolver alguns problemas que os estudantes enfrentam nas atividades de leitura e escrita.

Segundo Magda Soares (1995), ser letrado é mais que ser alfabetizado, é saber ler e escrever dentro de um contexto, onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da sua vida. Esse novo tempo nos coloca diante da necessidade de buscar modos diferenciados de pensar a educação, diante deste cenário múltiplo, falar de educação não é apenas se limitar ao espaço físico

da instituição, ou das relações desenvolvidas pelos sujeitos que vivenciam esse espaço, é ir muito mais além, é preciso situá-la em um contexto social e relacioná-la as múltiplas dinâmicas da sociedade (raça, gênero, classe social, questões religiosas e políticas e dentre outras).

Lopes (2006) nos apresenta uma ruptura quanto a decodificação/codificação dos signos, o descentramento desta dicotomia permite ao sujeito contemporâneo a ter um comportamento e um pensamento que transgrida indisciplinadamente aos modelos e verdades absolutas alimentadas pelos ideais modernos eurocêntricos. Possibilitando modos diferenciados de pensar à educação, desacomodando, por conseguinte, formas de avaliar, estruturar, planejar e acompanhar, senão conceber o desenvolvimento educacional do aluno. Formas essas que sabidamente não mais encontram sustentação, tão pouco, eficácia. Sendo assim, nos aponta para a concepção de que o novo saber produzido neste século, direciona a ação educativa não mais para um fluxo contínuo, sequencial e fixo, mas envolve um impulso descontínuo e flexível com permanente oportunidade de criação, centrada no desejo de auto significação dos sujeitos individuais.

De acordo com essa desconstrução que a contemporaneidade nos possibilita, Canen (2002) nos apresenta novos caminhos pedagógicos, possibilitando à opção de fala para os grupos plurais, aos sujeitos que durante um longo período foram silenciados. Um currículo implicado em novas práticas de leituras que contribui por uma sociedade mais democrática, rompendo com o radicalismo que fixam as identidades. De tal modo, Silva (2011) parte pelo viés do discurso, das múltiplas narrativas, que implicam nas identidades sociais. As narrativas além de ajudarem a dar sentido ao mundo, contribuem para constituí-lo e a constituir a nós, já que as práticas de leituras e escritas são processos vivos, como práticas sociais inseridas na história, constituidoras da subjetividade, feitas nas culturas e produtoras de culturas.

Sendo assim, a sala de aula torna-se esse espaço vivo de narrativas, onde os sujeitos tecem os conhecimentos a partir de uma rede de subjetividades, desconstruindo os saberes imutáveis, assim como nos propõe Alves e Oliveira (2002) ao descrever o currículo a partir da realidade cotidiana da escola, pois a analisa sem nenhum julgamento de valor, compreendendo e valorizando a pluralidade de conhecimentos que há neste espaço. Nessa concepção curricular, os estudos não partem mais da teoria social hegemônica e sim das diversas questões sociais que são vigentes.

Assim, os estudos culturais propostos por Corraza (2002) apresentam um novo método de analisar as questões sociais, pois partem da desconstrução do binarismo presente em muitas concepções construindo novos conceitos. O que de fato nos proporciona é uma aproximação e uma justaposição de povos e culturas divergente, neste cenário tem-se “o que Robertsom chamou de globalização, onde o global está localizado e o local está globalizado” (KUMARAVADIVELU, 2006. p.

134). E o contexto educacional por representar um espaço social, é influenciado por esse pensamento interdisciplinar, nos conduzindo através de uma postura aberta de investigação, de busca, de curiosidade sobre as relações existentes entre os conhecimentos.

Assim, ao dar visibilidade à produção cotidiana da escola entendendo-a como produção cultural, rompe-se com uma lógica positivista de produção de conhecimento pedagógico, já que a partir da valorização dessas experiências vivenciadas no âmbito escolar, ressignificamos o nosso olhar, visto que a escola é um mosaico de culturas que se lançam e se entrelaçam com seus saberes e desejos, desconstruindo essa que permitiu uma nova concepção de currículo e junto a ela uma ressignificação das práticas de leituras e escrita no espaço escolar, na qual esses sujeitos são capazes de ressignificarem seus saberes a partir da sua vivência.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Na contemporaneidade, o homem, e, portanto o professor, encontra-se fragmentado, reflexo desta contemporaneidade, na qual coloca o homem frente à sua crise de identidade; identidade essa que está sendo extensamente discutida na teoria social. Assim, a chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. O indivíduo não mais possui uma identidade fixa, pois ela poderá ser formada e transformada constantemente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas que vivenciamos.

Sendo assim, me aproprio da concepção a qual afirma que o sujeito é múltiplos, constituído por seus diversos "eus", para então refletir a construção da identidade docente na perspectiva das suas narrativas, pois essa abordagem possibilita o entrelaçamento das histórias individuais com as histórias sociais (uma rede de significações), já que os sujeitos autores dessas narrativas são sujeitos ativos que se apropriam do mundo social que está a sua volta dando-lhes sentidos diversificados, que, por sua vez, são traduzidos em suas práticas se manifestando na sua subjetividade.

Deste modo, esta pesquisa se fundamenta numa abordagem fenomenológica e qualitativa/social, pois nos permite analisar o sujeito por diversos olhares, nos proporcionando assim, uma série de caminhos que podem ser percorridos com o intuito de compreender este sujeito que é social, tendo como enfoque as práticas de leituras na perspectiva da abordagem autobiográfica, um suporte teórico metodológico que dá visibilidade ao professor, pois ao lembrar, dá a sua vida outros sentidos, repensar as experiências do passado, processo que se relaciona à

história e à cultura, já que a memória de cada um se liga à memória do grupo e a laços de coletividade. Nos permite assim, desenhar a genealogia das formas de ler a partir das suas narrativas e o significado cultural da leitura na vida desse professor/leitor.

ESPERA-SE....

Sendo assim, o trabalho com a memória dos percursos de letramentos dos professores, possibilita-nos desenvolver um olhar sensível às vivências do professor e de seus alunos, por conseguinte, às suas demandas e aos seus desejos em relação aos rumos de sua formação, ao mesmo tempo em que a sua práxis docente será fundamentada na polifonia presente nos discursos.

Por este viés, o estudo sobre currículo no cenário educacional contemporâneo, nos permite enquanto professores romper com a dicotomia enraizada neste léxico (inserção ou eliminação de uma determinada disciplina). O docente, como o sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem deixa de lado aquela roupagem de reprodutor, se tornando o professor mediador de conhecimentos, conhecimentos esses pertencentes à cultura escolar, a cultura predominante e a cultura do aluno que, até então, não passava pelos muros das instituições escolares. O professor que transforma o currículo dando visibilidade às diversas vozes que foram silenciadas, fazendo-as presente na sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. In: *Revista da Educação*; Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23. p. 62-74. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a04.pdf>>. Acessado em 4 de Fev. 2012.

CANEN, Ana. Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Org.). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo, SP, 2002. P. 174-193.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 46ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.

JOSSO, M. – Christine. Abordagem biográfica em situações educativas: a formação de si. In: *Presente! Revista de Educação*, Ano 15 Nº57, Junho/Agô, Salvador de Bahia, 2007, [revista@ceap.org.br].

KLEIMAN, Ângela B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não Basta ensinar a ler e escrever?* Campinas: Cefiel – Unicamp; Mec, 2005.

KRAMER, Sonia. *Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso*. São Paulo, SP: Ática, 2010.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola editorial, 2006. p. 85-107.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte, BH: Autêntica, 2011.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as múltiplas facetas. In: *26ª Reunião da ANPED -GT Alfabetização, Leitura e Escrita*. Poços de Caldas, 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acessado em 03 Mar. 2012.

SOARES, Magda. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. In: *17ª Reunião da ANPED*. Caxambu, 1995. Disponível em:<<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n00/n00a02.pdf>>. Acessado em 30 Mar. 2012.

